

CIDADE ABERTA

PEDRO MAIA



As coisas mudaram e mudaram para pior

Para aqueles que, como nós, conheceram a praia da Itaparica há coisa de uns 40 anos, seria impossível imaginar que poucas décadas depois, um lugar mudasse tanto. Nós conhecemos Itaparica quando nossos pais, por serem amigos do então prefeito Américo Bernardes, foram por ele contemplados com uma das casas ali recém-construídas pela Cohab para receber as famílias dos policiais federais, que então chegavam ao Espírito Santo.

As casas eram todas iguais, cercadas de ripas brancas, construídas dentro de um mesmo padrão arquitetônico que hoje acreditamos não existir mais nenhuma para contar a história.

Os moradores foram chegando devagar, boa parte deles usava as residências como casa de praia, já que foram vários os políticos que ali meteram a colher (Tuffy Nader, Gotfrio Anders, Solon Borges, entre outros), ocupando a região em tempo recorde para aquela época.

Mas o bairro residencial de Itaparica cresceu rápido, pouco a pouco foi ganhando os contornos de conglomerado residencial onde faltava de tudo: as compras eram feitas em Vila Velha, as padarias ficavam em Santa Mônica e poucos desfrutavam de poços artesianos onde a água era bem melhor.

Porém, uma coisa Itaparica tinha demais e se orgulhava disso: era a segurança na região, pois mais da metade de seus moradores era formada por policiais federais que optaram por ficar servindo ao governo federal, em vez de continuar na chamada Guarda Nacional, a polícia do governo antes da mudança para Brasília nos anos 60.

Vai daí que, recentemente, um daqueles velhos pioneiros da região veio visitar os netos em Vitória e, sabe-se lá por que cargas d'água, resolveu dar umas voltas por aquelas ruas antigas e tranquilas, onde havia constituído sua família, antes da merecida aposentadoria.

Ao entrar no bairro e reconhecer de pronto a casa onde, por longos anos, residiu e criou seus filhos, deu uma parada para um encontro nostálgico com o passado. Claro que a casa não era mais a mesma, agora aparecia à sua

frente um sobrado com altos muros, portões eletrônicos e até cerca elétrica em cima do telhado.

Pensou em chamar alguém para ver como estava por dentro, mas desistiu. Então optou por descer um pouco do carro para respirar o ar puro que vinha da praia. Enquanto caminhava lembrou-se dos tempos violentos da ditadura militar, quando estava sempre ocupado participando de operações perigosas à procura de bandidos e de elementos subversivos “inimigos do regime vigente”.

Era considerado como um dos mais competentes quadros de sua turma e com ele o filho chorava e a mãe não ouvia. Mas agora aquilo tudo eram apenas lembranças que guardava com suave e agradável nostalgia.

Porém, mal havia percorrido algumas quadras, ouviu a célebre ordem:

– “Perdeu, velho, é um assalto. Fica quietinho e vai passando os pertences!”.

Eram três jovens ainda imberbes que pareciam mais meninos matando aula do que assaltantes armados. E a coisa ficou feia quando um dos moleques encontrou a antiga carteira funcional do velho policial, e queria porque queria a arma de trabalho do aposentado.

O assalto em si não durou nem cinco minutos, mas as lembranças agradáveis daquela Itaparica de outros tempos diluíram-se por ali mesmo. A coisa foi tão contundente que nem queixa na polícia ele registrou. Só restou em seu ego a certeza de que os tempos mudaram e mudaram para bem pior.

Voltou para o hotel onde se hospedara, arrumou suas malas e retornou para sua casa no Rio de Janeiro com a certeza de que os “inimigos do regime vigente” haviam mudado. E também mudou para muito pior...



As lembranças agradáveis daquela Itaparica de outros tempos diluíram-se por ali mesmo